

**“DE QUANTAS VERDADES SE FAZ UMA MENTIRA?” A
DES)(RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O MULTICULTURALISMO
EM AS MULHERES DO MEU PAI, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA**

Jesuino Arvelino Pinto¹
Kátia de Oliveira Carvalho²
Hiolanda Alves Pacheco³

RESUMO

A proposta deste texto consiste em empreender um estudo crítico-analítico das abordagens de temáticas culturais, sociais e identitárias inscritas no romance *As mulheres do meu pai* (2007). A pesquisa é essencialmente bibliográfica e analítica, respaldada teoricamente nos estudos de questões concernentes à memória, identidade e cultura, elaborados por Le Goff (2003), Bauman (2005), Candau (2019), Hall (2005 e 2013), Ricouer (2007), Bhabha (2007) e Jobim (2013). A narrativa de Agualusa apresenta características marcantes que se referem diretamente a fatores geográficos, históricos e culturais angolanos, que são influenciados por aspectos de outras culturas, de outros países. Questões sobre a construção social e identidade são fulcrais em suas histórias promovendo o diálogo entre culturas e as representações, por meio de suas personagens, interligando principalmente Angola e Portugal.

Palavras-chave: Literatura angolana. Identidade. Memória. Multiculturalismo.

Introdução

Este artigo tem como foco realizar um estudo crítico-analítico das abordagens de temáticas culturais, sociais e identitárias inscritas no romance *As mulheres do meu pai*, do escritor angolano José Eduardo Agualusa. Publicada em 2007, a obra teve grande repercussão, movimentando a crítica. Rapidamente ganha relevância no cenário literário, sendo traduzida por Daniel Hahn, em 2008, recebendo o título em língua inglesa de *My father's wives*, publicado pela editora *Arcadia Book* de Londres.

O objetivo precípua deste texto é, portanto, ampliar as discussões críticas sobre o romance citado, no que tange à relação literatura, estética, vida social e identidade no pós-colonialismo. Mais especificamente, este trabalho visa refletir acerca da literatura

¹ Doutor em Estudos Literários (UNEMAT). Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras, UNEMAT, Campus de Sinop. E-mail: jesuino.pinto@unemat.br

² Mestra em Letras, linha de pesquisa “Estudos Literários”, pelo Programa de Pós-graduação em Letras, UNEMAT, Campus de Sinop. E-mail: katia.carvalho@unemat.br

³ Mestranda em Letras, linha de pesquisa “Estudos Literários”, pelo Programa de Pós-graduação em Letras, UNEMAT, Campus de Sinop. E-mail: hiolanda.pacheco@unemat.br

em espaços pós-coloniais, ao examinar a (re)construção de novos discursos sobre o sistema colonialista e anticolonialista que permite a reorganização da identidade angolana, concebendo a tradição como forma de resistência cultural, política e social na realidade pós-colonial.

O *corpus* deste estudo, *As mulheres do meu pai*, é definido por seu autor como “uma história de renascimento, do renascimento da África. O livro tem a ver com rituais mágicos, rituais de magia” (AGUALUSA, 2021). No epílogo da narrativa, o escritor-narrador-personagem esclarece o fenômeno “agualusa” que ocorre quando ele resolve tomar um banho de mar:

Despi-me e entrei no mar – a água era lisa e tépida – com a sensação de que mergulhava na própria noite. No século XIII escrevia-se *noyte*. Digamos então que eu me senti mergulhar na *noyte*, sugado pelo seu vórtice escuro, e que fechei os olhos e que quando os reabri vi as estrelas a girar ao meu redor. Movia os braços e cada movimento parecia gerar um tumulto de estrelas. Conheço pessoas que passaram por esta experiência e entraram em pânico. Outras, em êxtase. Muitas falam em embriaguez, a maioria em sonho. O fenômeno é provocado por um pequeno organismo unicelular, a *noctiluca*, capaz de emitir luminescência, e chama-se *ardência marítima* ou, no sul de Portugal, *agualusa* (AGUALUSA, 2007, p. 348).

Perguntado se se diverte escrevendo, Agualusa explica: “Escrevo por prazer, escrevo por paixão. Escrevo pelo deslumbramento que todos os dias, enquanto escrevo, a escrita me traz”⁴. Em outra entrevista ao jornalista Mario Carneiro no *site* “Mar de Letras”, Agualusa declara:

Escrevo também por indignação, por que certas coisas me provocam indignação. Se perdesse essa capacidade de me indignar com certas coisas provavelmente deixaria de escrever. Uma das coisas que me movimentam enquanto escritor é isso. Literatura também é isso, é combate. É combater essas coisas que nos revoltam⁵.

O escritor demonstra em sua declaração o compromisso com as questões humanitárias, apresentadas claramente no enredo do romance *As mulheres do meu pai*.

⁴ O escritor angolano José Eduardo Agualusa é o convidado do Sempre Um Papo, no dia 24 de julho de 2017, no auditório da Cemig. <https://www.youtube.com/watch?v=z4eS66PX4m0>. Acesso em maio de 2021.

⁵ Mar de Letras. Panavideo Produções 13 de set. de 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3J2zbbux8mY&t=1s>. Acesso em março de 2021.

É por meio de sua escrita que denuncia todas as formas de preconceito, o respeito às diversidades e o desejo da construção de um mundo mais humano.

Literatura e vida social

O romance *As mulheres do meu pai* apresenta dois níveis narrativos: um, trata do possível real, no qual o próprio Agualusa narra sua viagem pela África, acompanhado da cineasta Karen Boswall e do fotógrafo Jordi Burch. O outro, o nível ficcional, apresenta uma viagem pela África, empreendida por Laurentina, Mandume, Bartolomeu e Pouca Sorte.

A narrativa percorre o continente africano, a narração percorre a literatura, compreendida aqui não como sequência de eventos temporais, mas como instância produtora de linguagens. Nesse sentido, como livro-viagem, a história transita por diferentes gêneros ou modos de contar: entrevista, carta, diário, diálogos, monólogos, descrições. Diante da multiplicidade e da inconstância das coisas, a escrita também se apresenta fragmentada, aproximando-se da heterogeneidade do real e evitando um ponto de vista estático para a compreensão do que lhe escapa. O primeiro nível narrativo equivale a um diário de bordo da viagem real, em que Agualusa descreve os pormenores das situações vivenciadas

As mulheres do meu pai se constitui de viagens, fonte de conhecimentos e desvelamentos de verdades e tantas outras sensações e sentimentos, por meio das informações que são apresentadas à Laurentina, personagem principal. O enredo se desenvolve em torno da busca da identidade da protagonista e a tentativa de resgate de um tempo não vivido. Nesse cenário, momentos históricos são apresentados ao leitor à medida que os viajantes chegam a lugares marcados pelos confrontos e encontros sofridos pelo povo e causados pela força do colonizador.

A narrativa de Agualusa apresenta, ainda, um hibridismo amplamente interligado entre ficção e realidade, ou seja, duas histórias que se entrecruzam, se ligam e se completam, com enredo atravessado por um suposto real metaforizado. Nesse sentido, o tempo transita entre passado e futuro, provocando o leitor a refletir e a perceber os movimentos da narrativa para assim compreender e desvelar o que envolve cada personagem.

Ao tratar a literatura como representação do mundo e não como o mundo, compreende-se uma verossimilhança essencial, em que uma lógica dos fatos se faz presente desencadeando causas e consequências. Os acontecimentos de uma história não necessariamente precisam ser verdadeiros, porém devem ser verossímeis e possuir uma lógica que passe credibilidade ao leitor.

A postura adotada nesta pesquisa não foi entender o momento social como manifestação ideológica, ou como representação do poder na estrutura do romance, e sim, discorrer a respeito das implicações da literatura quanto à abordagem do discurso histórico de um tempo presente. Nesse sentido, intencionou-se fazer correlações a partir da tensão entre romance como estrutura pertencente a uma certa ordem e outras áreas de conhecimento, principalmente a Sociologia e a História, elementos importantes, mesmo que mais recentes, que estão diretamente ligados e interligados com a literatura por meio do que se pode chamar de seu campo ficcional.

O conceito de representação é construído socialmente por meio do trabalho coletivo desenvolvido principalmente pelas minorias, sobrepondo aos desejos e vontades individuais em detrimento do que melhor represente ou expresse a realidade de determinado grupo ou comunidade. Para Chartier (2011, p. 27), “as representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus espectadores que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram”.

O termo “representação social” está intrinsecamente ligado às questões estruturais de qualquer sociedade e exerce influência sobre os indivíduos participantes de determinada comunidade ou grupo social. A representação social é resultado não apenas de fatores socioeconômicos, há um conjunto de normas e valores que compõe a organização social dos sujeitos, os quais perpassam por atitudes e motivações acumuladas através de gerações e que formam a nossa história. É por meio da representação que os sujeitos se impõem sobre outros, que as classes consideradas minoritárias se fazem ouvir e se fortalecem no meio social, fazendo prevalecer a sua visão de mundo. É pela representação que a identidade social se solidifica perante o colonizador ou perante a classe dominante. É por meio dela que os discursos literários, além de reviverem fatos históricos, são apresentados de maneira crítica, possibilitando novos olhares.

Na obra *As mulheres do meu pai*, percebe-se as interligações entre real e ficcional na trama, ou seja, um enredo fictício atravessado por um possível enredo real, em um processo metalinguístico, mesclando as vivências do escritor em viagens com a história ficcional da protagonista Laurentina, transitando assim por diversos espaços e tendo diferenciadas experiências. O autor então apresenta o enredo:

20h – a Karen veio buscar-me ao hotel e depois caminhamos até à praia. Passámos parte da manhã, e umas boas horas depois do almoço, a conversar sobre o filme. Esboçávamos um enredo. Queremos contar a história de uma documentarista portuguesa que viaja para Luanda para assistir ao funeral do pai, Faustino Manso, famoso cantor e compositor angolano. A partir de certa altura Laurentina decide reconstruir o percurso do pai, o qual, durante os anos 60 e 70, percorreu toda a costa da África Austral, desde Luanda até à ilha de Moçambique (AGUALUSA, 2007, p. 25-26).

Então, como preconiza Antonio Candido (1995, p. 177), “cada sociedade cria suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e a atuação deles”. Dessa maneira, a literatura e a história, mesmo percorrendo caminhos divergentes, se convergem, haja vista que ambas são protagonistas na construção de identidades tanto coletiva quanto pessoal. As discussões em torno das relações envolvendo literatura e história existem há muito tempo e ainda na atualidade permanecem ativas.

Conforme esclarece Candido (1995), quando argumenta que para termos um equilíbrio social é necessário que a população tenha acesso à literatura, este é, ou deveria ser, um direito básico do ser humano, essencial para que o indivíduo evolua, considerando que desde sempre a humanidade necessita da ficção, pois esta atua em seu caráter e na sua formação crítica. E, ainda, que a literatura deveria ser um direito assim como moradia, alimentação, saúde e segurança. Segundo o crítico, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela. E ainda acrescenta que,

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos

dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita (CANDIDO, 1995, p. 175).

Vários são os elementos que contribuem para que a ficção seja parte integrante de toda sociedade, a considerar que o escritor, via de regra, é influenciado diretamente por fatores relacionados com a vida real, comum, cotidiana, como pessoas, ambientes, espaços, tempo e outros, para criar sua narrativa e reproduzir memórias individuais ou coletivas, ou seja, a verossimilhança e o universo do possível.

Em *As mulheres do meu pai*, Agualusa apresenta ao leitor diversos aspectos sociais da África, considerando que as personagens partem em viagem pelo continente, atravessando alguns países. Em cada localidade que chegam, há uma descrição das questões sociais presentes, à proporção que transitam por espaços marcados por lutas do povo contra regimes de segregação racial e que ainda sobrevivem às opressões impostas pelo colonizador.

Alfredo Bosi (2013, p. 225-226) salienta que,

A separação entre ficção e não-ficção hoje é contestada não só teoricamente como também vivencialmente, por certa crítica e por muitos leitores. Há uma corrente pós-moderna que procura mostrar que a própria atividade simbólica, enquanto simbólica, é uma distorção, uma alienação.

Em relação ao intercâmbio literatura e sociedade, Candido (1995, p. 186) observa que a primeira tem papel fundamental na construção da segunda, já que toda obra literária tem o poder de humanização, “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza.”

O processo de humanização requer o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, sensibilizar-se com a beleza, perceber a complexidade do mundo. O fato é que cada época e cada cultura fixam critérios de expansão, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, sendo a educação, portanto, um instrumento poderoso e indispensável para uma camada social.

Canclini (2007) considera o processo que ocorre entre duas culturas, em que uma imbrica na outra, mesclando aspectos culturais, sociais e políticos, como hibridismo cultural, pois não há mais gênero literário puro, o que ocorre é apenas a

predominância de características de um deles. Esse processo reflete diretamente na maneira como se produz e reproduz bens simbólicos e, essa mistura resulta em nova configuração cultural. Nesse sentido, o autor busca compreender como a sociedade se apropria desses processos, haja vista que há culturas que não se deixam, não querem, ou não podem ser híbridas e esclarece como seu primeiro conceito, “entendo por hibridização processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2007, p. 19).

Segundo Rocha (2015, p. 13), a literatura não pode se desvencilhar do que ele chama de “desnudamento de sua ficcionalidade”, pois,

o pacto ficcional proposto pelo romancista, e aceito pelo leitor, tem como base a aceitação da verossimilhança interna à obra, em lugar da imposição de uma coerência externa a ela, teoricamente submissa ao que se pôde reconstruir de um momento histórico determinado. O desnudamento da ficcionalidade do texto literário, portanto, expressa a seu modo um convite à recepção, definindo um ato específico da leitura.

Literatura e sociedade sempre estabeleceram interrelação e interdependência, sendo que a primeira se configurou desde seu nascimento como representação das mais diversas manifestações da cultura e da história de um povo, representando ideologias e sendo um forte instrumento de combate às forças do colonizador. Enquanto que a segunda, desde sua constituição esteve imbricada com a literatura, visto que no exercício do homem em busca de viver em comunidade, é latente a necessidade de troca, de compartilhamento de pensamentos, ideias, desejos. Desde o início da humanidade, há no ser humano a necessidade de representar e registrar de alguma forma as vivências, as experiências e as histórias de determinado povo. Nasceram os primeiros artistas, em busca de representar, de maneira real ou fantasiosa, por meio das escritas rupestres e dos desenhos, a sociedade da maneira que viam ou viviam.

Nesse contexto, Inocência Mata (2007, p. 2), em seu artigo “A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência?”, nos esclarece que,

O ponto de partida desse protocolo de transmissão de “conteúdos históricos” é a ideia de que o autor – em pleno domínio e responsabilidade sobre o que diz, ou faz as suas personagens dizerem – psicografa os anseios e demônios de sua época, dando voz àqueles

que se colocam, ou são colocados, à margem da “voz oficial”: daí poder pensar-se que o indizível de uma época só encontra lugar na literatura.

Em relação à literatura e sua representação da/na sociedade, percebe-se que a literatura circula principalmente nos meios sociais mais abastados. Apesar de ser independente e de estar disponível aparentemente, nas diversas classes sociais, nem sempre está disponível para ser apreciada por todos, como esclarece Candido (1995, p. 190),

Nesse contexto, é revoltante o preconceito segundo o qual as minorias que podem participar das formas requintadas de cultura são sempre capazes de apreciá-las, o que não é verdade. As classes dominantes são frequentemente desprovidas de percepção e interesse real pela arte e pela literatura ao seu dispor, e muitos dos seus segmentos as fruem por mero esnobismo.

As transformações sociais renovam a literatura, que se reinventa em formas e conteúdos, os quais se reportam ao cotidiano, ao comportamento, aos novos arranjos sociais, por isso a literatura é intrinsecamente ligada à cultura material e imaterial. A literatura é simbólica porque ficcionaliza o real de forma lúdica, crítica e reflexiva.

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, diferentes teóricos conceituaram literatura como o meio que reflete o mundo social. Nesse contexto, Alfredo Bosi (2013 p. 243) salienta que “toda escolha tem uma história. Uma história que não é só pessoal, mas tem a ver com o *ethos* de uma geração que compartilhou durante algum tempo as mesmas perplexidades no plano das ideias e no plano dos valores”. Então, a literatura é uma manifestação cultural–abrangente, pois se desenvolve de variadas e diferentes formas, em todos os lugares, sem distinção de classe social, raça, cor, posição política ou religião.

Bosi (2005, p. 322-323), em seu depoimento durante o III Ciclo de Conferências “Caminhos do Crítico”, ressalta que,

Uma obra de arte não é igual a outra, por mais que guardem ambas características comuns de forma e significado. O mesmo acontece com um fato histórico. O evento é aquilo que não voltará, tal e qual, no espaço e no tempo, seja uma batalha, seja uma revolução, seja uma eleição, seja um golpe de estado. A unicidade ou irrepetibilidade de uma obra e de um evento histórico exige do historiador literário ou social a capacidade de selecionar obras ou eventos significativos.

Literatura é imaginação, mas também pode conciliar realidade e ficção. Ao considerar que é uma representação da vida cotidiana, torna-se possível que um enredo mescele fatos reais com fictícios. Como ocorre no romance de Agualusa, objeto deste estudo, haja vista que traz fatos e personagens reais que conhecem e se relacionam com personagens da trama. A arte literária é uma ferramenta que possibilita e facilita o movimento da humanidade na construção de sua historicidade, podendo, e quase sempre sendo, instrumento de denúncia, que permite à sociedade analisar, por meio dos escritos, críticas, elogios e fatos relevantes da história, real ou metafórica, e que podem ser veiculados por meio de uma obra. Chartier (2011, p. 117) corrobora com essa argumentação ao discorrer que, “com efeito, é no testemunho da memória, na recordação da testemunha, que a história encontra a certeza na existência de um passado que foi, que já não é mais e que a operação historiográfica pretende representar adequadamente no presente”.

A literatura, sendo a arte de criar, é livre para transpor a realidade. Como produto do imaginário de um escritor, além de proporcionar entretenimento, é ferramenta que informa, questiona, comunica e promove conhecimento político, histórico, cultural e social, estabelecendo, dessa forma, uma estreita relação com a sociedade. É capaz de reconstruir um passado para o público ao qual se direciona, sem perder a essência, independentemente de ser um texto histórico ou um texto literário, já que consegue delimitar novos sentidos no presente àquilo que foi ou que poderia ter sido.

Goldmann (1976) menciona que o comportamento humano costuma agir com coerência diante das questões reais, originando “estruturas significativas” que, apesar de serem concebidas individualmente, são oriundas dos grupos sociais, pela coletividade. E argumenta que, não se pode esquecer, porém, que essa coletividade não é outra coisa senão uma complexa rede de relações interindividuais,

Assim, as realidades humanas apresentam-se como processos bilaterais: *desestruturação* das estruturas antigas e *estruturação* de novas totalidades, aptas a criarem equilíbrios que poderão satisfazer às novas exigências dos grupos sociais que as elaboram. Nessa perspectiva, o estudo científico dos fatos humanos, quer sejam econômicos, sociais, políticos ou culturais, implica o esforço de esclarecimento desses processos, destacando ao mesmo tempo os

equilíbrios que eles desfazem e aqueles em cujo sentido se orientam (GOLDMANN, 1976, p. 204).

Antes da chegada do colonizador, a África era um continente onde os diferentes povos conviviam pacificamente, respeitando as particularidades relacionadas aos seus costumes, crenças e tradições, com suas representações sociais e culturais. A literatura oral possuía características próprias de cada povo, sendo transmitida para as novas gerações principalmente na oralidade. A partir da chegada do colonizador, essa realidade sofre mudanças consideráveis em todos os sentidos e aspectos, mas principalmente em relação à cultura e aos costumes, com a implantação, em solo africano da cultura e conseqüentemente da literatura europeia.

Em Angola, a cultura, costumes e oralidade foram rechaçados pelo domínio do colonizador, contribuindo para o surgimento de grupos e movimentos de resistência e de luta formados especialmente por jornalistas e escritores. Empoderados como representantes de uma camada da população, introduzem e reproduzem em seus textos fatos e acontecimentos históricos representativos dos costumes, crenças e cultura; passam a registrar episódios e histórias que até então existiam apenas na oralidade e poderiam se extinguir.

É nesse ambiente que nasce o escritor José Eduardo Agualusa. Mesmo tendo vivido grande parte de sua vida fora de Angola, sua obra sempre está ligada diretamente às questões de seu país, terra marcada pelo doloroso processo de colonização, por guerras, lutas e movimentos pela independência, bem como pelas conseqüências do pós-guerra.

A produção literária desse autor angolano chama a atenção do leitor para essa pluralidade cultural resultante da sua relação com os países pelos quais passou e que são falantes da Língua Portuguesa. Similares e ao mesmo tempo tão profundamente marcados por diferenças, especialmente provocadas pelo processo de colonização. A estrutura da produção literária de Agualusa evidencia a articulação em relação ao percurso histórico e social, influenciada por suas vivências e histórias vividas pelo povo angolano no decorrer da colonização e no período atual considerado pós-colonial.

Apresenta também em sua narrativa, reflexões e críticas relacionadas à colonização, questões políticas e sociais como racismo, homossexualidade, mestiçagem,

apartheid, literatura, música e arte, não apenas de angolanos, mas da África de modo geral, sempre de maneira sutil, sem interferir de forma profunda ou direta no enredo.

Em *As mulheres do meu pai*, a ironia é um fio condutor sutil da diegese, que exerce papel importante, numa relação direta entre o texto e a sociedade. Laurentina, em busca de sua verdadeira identidade, passa por vários lugares que vão lhe revelando mentiras que se tornaram verdades e verdades que nunca existiram. Há na vida de Laurentina, a desconstrução de algumas verdades que provocam uma duplicidade de sentidos. No entanto, apesar de abordar temas representativos da sociedade angolana, o romance fica na superficialidade.

Questões identitárias e multiculturalismo

Nos relatos sobre a evolução da humanidade, percebe-se que literatura e história sempre caminharam juntas, estão intrinsecamente interligadas. A história é parte imprescindível em uma obra literária e constituinte de sua estrutura. Por ser a cultura, resultante da história de um povo, conhecimentos adquiridos e acumulados são transmitidos por gerações, perpetuando-se na sociedade e consolidando o que se denomina identidade cultural.

Para Bhabha (2013, p. 21), “O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição”. Dessa maneira, percebe-se que a cultura de um determinado povo tem importante influência na formação da identidade. Ao conhecer a história é que se pode compreender os costumes e características que definem uma sociedade. A história de um povo tem papel fundamental na compreensão das identidades. É por meio dela que se conta e marca a trajetória dos indivíduos e como se deu a construção da identidade de uma comunidade.

Para compreender o processo de consolidação das identidades, é necessário realizar análise de fatos considerados importantes, a fim de conhecer quais foram as representações relevantes para aquela sociedade e quais as imagens que deixaram nas memórias dos indivíduos. Roger Chartier (2011, p. 52) explica que “As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente o que dizem que é”. Nesse sentido, a memória existe como força subjetiva,

ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora, que possibilita ao sujeito revisitar o passado e (re)construir o presente.

Abdala Junior (2007) considera que o texto deve ser um conjunto que relaciona forma e conteúdo e que o escritor vai deixando pistas no percurso da narrativa para sua compreensão e da realidade referencial. Para tanto, o estudioso recorre a Walter Benjamin que, em suas “Teses sobre Filosofia da História”

indica a necessidade dessa consciência, na apreensão dos fatos históricos, tal como acontece com o escritor na apropriação da tradição artística, conforme procuramos desenvolver: “Articular historicamente algo do passado não significa reconhecê-lo como ele efetivamente foi. Significa captar uma lembrança como ela fulgura num instante de perigo” (ABDALA JUNIOR, 2007, p. 111-112).

A partir da década de 1970, há um movimento entre historiadores, no sentido de estudar fatos que estão no imaginário de um povo e que fazem parte da memória. Nesse sentido, Jacques Le Goff (2005, p. 419) ressalta que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”

Segundo o estudioso, é preciso, primeiramente, entender que a memória está relacionada às condições físicas e biológicas do ser humano e que depende das escolhas feitas por esse, pois está interligada à sua capacidade de atualizar ou não informações que considere importantes. E a considerando limitada, no sentido de armazenamento de todos os eventos, a escrita vem para garantir a perpetuação de fatos relevantes ocorridos, uma vez que é “um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2005, p. 469, grifo do autor).

O meio em que se vive tem grande relevância em relação à formação das identidades tanto cultural quanto social. Conforme Jobim (2013, p. 24),

A formulação de novos conceitos sobre a nacionalidade emergente pagou tributo a uma certa apropriação criativa de ideias e concepções europeias, embora, no momento mesmo em que elaboravam as concepções nacionalistas, durante o século XIX, isto não fosse claro para os participantes do processo.

Aparentemente avesso ao nacionalismo desmedido, Agualusa denuncia, em entrevista ao jornal *Zero Hora*, quando lançou o romance *As mulheres do meu pai* (2007), o estatuto do nacionalismo como forma de limitar a arte e a vida social. Declara que o nacionalismo é uma doença que conduz quase sempre a manifestações racistas e xenófobas e que prefere acreditar no potencial revolucionário da mestiçagem.

Corroborando com essa entrevista, pode-se confirmar a posição do escritor com relação à mestiçagem, declarada no romance por meio da defesa estabelecida por Bartolomeu Falcato sobre a mestiçagem cultural, como um avanço conquistado pelas relações pessoais,

O que eu acho é que as sociedades crioulas têm uma vocação natural para a alegria. A mestiçagem produz alegria como um pirilampo produz luz. O carnaval, por exemplo, — Onde é que no mundo se brinca ao carnaval com mais alegria? Adivinharam? Isso mesmo: no Brasil, nas Antilhas e em Nova Orleans. Em Goa era na capital, Pangin, no Bairro das Fontainhas, habitado maioritariamente por luso-indianos. Depois, os mestiços, a que a restante população indiana chama ‘as descendentes’ foram-se e o carnaval morreu. E em África? Resposta: em Luanda, Benguela, Cabo Verde, Cape Town e Quelimane! (AGUALUSA, 2009, p. 132).

Para Paul Ricoeur (2007, p. 57), “a memória corporal é povoada de lembranças afetadas por diferentes graus de distanciamento temporal: a própria extensão do lapso de tempo decorrido pode ser percebida, sentida, na forma de saudade, da nostalgia”; o estudioso, mais adiante, detalha sobre a associação das nossas lembranças aos lugares onde ocorreram os fatos lembrados,

Assim, as “coisas” lembradas são intrinsecamente associadas a lugares. E não é por acaso que dizemos, sobre uma coisa que aconteceu, que ela teve lugar. É de fato nesse nível primordial que se constitui o fenômeno dos ‘lugares de memória’, antes que eles se tornem uma referência para o conhecimento histórico (RICOEUR, 2007, p. 57-58).

Pode-se apontar no romance de Agualusa que Mandume renega sua origem e elenca aspectos negativos percebidos em Luanda, na tentativa de convencimento de que aquele não é um bom lugar. Ao mesmo tempo em que nega sua ascendência, deixa cristalino o seu pensamento sobre o fato que insiste em negar, “Esta cidade é um somatório de horrores: pobreza mais racismo mais estupidez mais ignorância mais

conservadorismo mais machismo mais intolerância mais arrogância mais ruído. Muito ruído” (AGUALUSA, 2007, p. 46).

De acordo com Ricouer (2007), os lugares de memória estão sempre associados com as coisas lembradas. Ou seja, é impossível lembrar-se de algo ocorrido sem considerar o local em que ocorreu. A busca pelo passado tem por objetivo não o deixar à mercê do esquecimento.

No romance *As mulheres de meu pai*, esse exercício da memória é explícito no momento em que Mandume, namorado de Laurentina, expõe seus sentimentos sobre as lutas e valores do povo de sua verdadeira terra, Angola. Ficam evidentes alguns motivos de sua revolta:

Nunca gostei de África. Vi como África destruiu os meus pais. Li alguns livros que eles guardam no escritório, isso que alguns chamam de literatura angolana: *A vitória é certa camarada! A poesia é uma arma, Sábado vermelho*. Panfletos políticos, escritos, o mais das vezes, com os pés. Raízes? Raízes têm as plantas e é por isso que não se podem mover. Eu não tenho raízes. Sou um homem livre (AGUALUSA, 2009, p. 28, grifos do autor).

À medida que transcorre a viagem, os encontros proporcionados, especialmente entre Laurentina e as diferentes culturas estabelecidas na África, provocam um choque de costumes e hábitos, em relação aos quais o casal tem diferentes percepções e reações. Ao contrário de Mandume, Laurentina se deixa envolver e vai se regozijando a cada nova descoberta sobre as raízes da população africana. Para ela, a viagem está para além das estradas e itinerários estabelecidos. É uma viagem profunda às suas origens e conhecimento interior, como relata a protagonista:

Mandume decidiu ser português. Está no direito. Não creio, porém, que para se ser um bom português tenha de renegar todos os seus ancestrais. Eu sou certamente uma boa portuguesa, mas também me sinto um pouco indiana; finalmente, vim a Angola procurar o que em mim possa haver de africano (AGUALUSA, 2007, p. 25).

Jacques Le Goff (2005, p. 49) explica a relação entre memória e história: “Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica”. A memória também pode ser utilizada para reconstruir os fatos históricos a partir de ressignificações individuais.

Literatura e história se complementam e se interdependem, e o mesmo acontece com memória e identidade. Ambas caminham juntas. Não há como falar em busca identitária sem acionar a memória e do mesmo modo, a busca memorial está sempre acompanhada de um sentimento de identidade. Esse argumento é endossado por Joël Candau (2019, p. 19),

Se a memória é “geradora” de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a “incorporar” certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais [...] que dependem da representação que ele faz de sua própria identidade, construída “o interior de uma lembrança”.

Na atualidade, depara-se constantemente com mudanças que possibilitam refletir sobre o meio social no qual estamos inseridos. No entanto, “o presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica” (BHABHA, 2013, p. 24). Há maior conhecimento e interação de outras culturas, fato que de certa forma impactou nas identidades. Para Stuart Hall (2005, p. 9), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como o sujeito unificado”.

De acordo com Jobim (2013), nenhuma identidade é absoluta, elas estão em constante movimento em relação a outras culturas, não são estanques muito menos autossuficientes. É a partir da transnacionalidade e da urgente necessidade de se apropriar do conceito de tradução cultural, provocado pela diáspora e pelo deslocamento, que devemos compreender o projeto histórico e literário. E sobre a diáspora, Hall (2013, p. 30) sugere alguns questionamentos,

o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que a identidade cultural carrega consigo tantos traços de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, como devemos ‘pensar’ as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença, e disjuntura?

Ainda com relação à identidade, Hall (2005) apresenta três tipos: a do Iluminismo a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. Portanto, considera o indivíduo contemporâneo como resultado da mudança estrutural que ocorre nas

sociedades modernas e que interferem diretamente na formação da identidade, como relata:

Esta perda de um “sujeito de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2005, p. 10).

O pesquisador aponta que as mudanças culturais, ocorridas em nossa sociedade a partir do século XX, fragmentaram e modificaram os conceitos anteriormente sólidos de identidade, transformando-a e desestruturando ideias consolidadas. Obviamente, essa tentativa de “restauração cultural” repercutiu na literatura e pode ser observada por meio de autores que desenvolvem temas que versam sobre a cultura autóctone e que buscam uma refundação da pátria mítica sem a influência do colonizador. Percebe-se, portanto, nessas narrativas, a representação de tradições culturais enquanto vestígio anticolonial e traço de fixação identitária. Nesse sentido, Abdala Junior (2007, p. 108) discorre que,

A “tarefa” do escritor, dentro da sociedade angolana, seria assim construir um objeto literário que deve propiciar ao “povo” não aquilo que ele já conhece, mas sobretudo uma sua compreensão mais profunda: a obra de arte como um processo de re-conhecimento sociocultural.

Segundo Bauman (2005, p. 16), “identidade” consiste em “um tema de graves preocupações e agitadas controvérsias”, haja vista que, antigamente, a identidade das pessoas era definida a partir do local de nascimento, considerando família e raça. Ao longo do tempo essa definição foi tomando outras formas, com outras características, marcada principalmente pela constituição dos grupos e comunidades as quais o autor define como “comunidades de vida e de destinos, cujos membros ‘vivem juntos numa ligação absoluta’, e outras que são ‘fundidas unicamente por ideais ou por uma variedade de princípios’” (BAUMAN, 2005, p. 17), então, a identidade surge a partir da vida em comunidade.

Considera que o pertencimento e a identidade são mutáveis, e se transformam no decorrer da vida do indivíduo, “são bastante negociáveis e revogáveis” e que “as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age

[...] são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Quanto às identidades, o sociólogo esclarece que elas estão em constante movimento, e que “a ideia de ‘identidade’ nasceu da *crise de pertencimento* e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia” (BAUMAN, 2005, p. 26, grifos do autor).

Ao enfatizar as fragilidades e limitações das sociedades diante do colonialismo e ressaltar as consequências no pós-colonialismo, Hall (2013, p. 128) esclarece que o sistema colonial marcou fortemente as sociedades dominadas,

a colonização reconfigurou o terreno de tal maneira que, desde então, a própria ideia de um mundo composto por identidades isoladas, por culturas e economias separadas e autossuficientes tem tido que ceder a uma variedade de paradigmas destinados a captar essas formas distintas e afins de relacionamento, interconexão e descontinuidade. Essa foi a forma evidente de disseminação-e-condensação que a colonização colocou em jogo.

Compreende-se que a identidade é única, própria, inacabada, provisória, está em constante movimento e se constitui na hibridização. Provoca reflexão sobre a diáspora, e “se tornam múltiplas” (HALL, 2013), pois considera que há elos entre o local de origem e o local atual em que se encontra o indivíduo, que são intrínsecos e contribuem na formação da identidade cultural.

Mesmo não interferindo diretamente no enredo de *As mulheres do meu pai*, as questões políticas da África, especialmente de Angola, são recorrentes nos diálogos estabelecidos ou em circunstâncias e paisagens da estrada. O comboio guiado por Brand cruza a fronteira entre Namíbia e África do Sul e chega a Cape Town que, segundo ele, é o “país mais civilizado de África” (p. 127). Tal afirmação causa certa irritação em Bartolomeu que reage sarcasticamente e rebate lembrando que foi o país que inventou o *apartheid*, além de ser o lugar onde as mulheres são mais violentadas a cada dia. Destaca-se, então, que esse é um importante momento de reflexão na narrativa, em que as personagens se envolvem nas questões locais e discutem sobre a construção de identidade e da diáspora:

Estudei na Austrália. [...] A minha mãe vive em Melbourne. Se quisesse podia ter ficado lá. Voltei porque amo África. Fui criado no meio do mato, em Angola. Você, Mandume, vive na Europa, é português. Não compreende nada do que acontece aqui. Nada de nada. E você, Bartolomeu, você vive em Luanda, que é uma espécie de Lisboa às escuras. Não fala nenhuma língua africana. Eu, sim, conheço a Angola profunda. Sou muito mais preto do que qualquer um de vocês (AGUALUSA, 2007, p. 128).

Para Bauman (2005), estamos em uma época líquido-moderna, em que as relações interpessoais têm sofrido grandes influências e transformações e isso significa que tudo a nossa volta está fragmentado. E nesse mundo, a identidade exerce papel fundamental, visto que os indivíduos deixaram de considerá-la herdada, para criar, cada um, a sua própria, “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas a nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p. 19), ou seja, influenciemos e somos influenciados constantemente na construção de nossas identidades,

a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta (BAUMAN, 2005, p. 21-22).

Bauman (2005) observa ainda que no mundo líquido e moderno, tudo é mutável, instável e isso torna cada vez mais difícil esconder as verdades, “a fragilidade e a condição eternamente provisórias da identidade não podem mais ser ocultadas”. Elas “são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo e não há como dizer quando um transforma no outro” (BAUMAN, 2005, p. 38). Para Canclini (2007, p. 23),

Em um mundo tão fluidamente interconectado as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se reestruturam em meio a um conjunto interétnicos, transclassistas e transnacionais. As diversas formas em que os membros de cada grupo se apropriam dos repertórios heterogêneos de bens e mensagens disponíveis nos circuitos transnacionais geram novos modos de segmentação.

A identidade, como conhecíamos, não cabe neste mundo moderno, onde as decisões e as estruturas são transitórias. Considera sim os diferentes pontos de vista em relação ao conceito de identidades, porém reconhece que todos e cada um dos conceitos têm características comuns necessárias ao desenvolvimento humano, visto que “a identidade — sejamos claros sobre isso — é um ‘conceito altamente contestado’”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade (BAUMAN, 2005, p. 83).

Ao discorrer sobre multiculturalismo, Hall (2013, p. 56) define-o como um termo “utilizado universalmente. Contudo, sua proliferação não contribuiu para estabilizar ou esclarecer seu significado”. Estabelece a distinção entre multicultural e multiculturalismo sendo que,

Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade “original”.

“multiculturalismo” é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais (HALL, 2013, p. 57).

Questões relativas à tradição e cultura são abordadas em *As mulheres do meu pai* de maneira bastante forte, introduzidas na obra como denunciatória da cultura de submissão da mulher. Cumprindo um ritual, as mulheres são submetidas a grande sofrimento, colocando sua vida em risco, com objetivo de se preparar para ser subserviente. Acerca disso (o ritual), Karen — personagem do livro — descreve que,

Antonieta, por exemplo, decide em determinada altura levar a filha, Matilde, para cumprir um ritual de iniciação, numa aldeia remota, no interior da Zambézia. Ela sabe que os ensinamentos que a filha vai receber ao longo desse ritual contradizem o que ela própria ensina. Ainda assim na opinião dela, o mais importante é não irritar os espíritos. [...] Todo o ritual tem a ver com o sofrimento da mulher. As mulheres devem servir os homens, dar-lhes filhos e uma vida sexual feliz. Não se trata de aulas, são rituais simbólicos (AGUALUSA, 2007, p. 41-42).

Hall (2013) assegura que a identidade se forma na “interação” entre o eu e a sociedade. Preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e

o mundo público, então, interliga, mistura o sujeito à estrutura. Torna-se móvel, sendo definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em determinados momentos. Mandume, mesmo renegando suas raízes africanas e exacerbado orgulho de ser português, deixa transparecer em sua fala que também passa por momentos de crise quando relata que,

Felizmente os meus pais ficaram em Portugal. Nasci em Lisboa. Sou português. Houve uma fase de minha vida, entre as dores e os ardores da adolescência, em que tive dúvidas. Não sabia muito bem a que mundo pertencia. Não há quem não enfrente crise de identidade (AGUALUSA, 2007, p. 46).

Benjamin Abdala Junior (2007, p. 51) argumenta que,

A identidade cultural dos países colonizados mostra-se por uma luta que não se esgota na independência política. É uma conquista contínua de uma autodeterminação a efetivar-se dentro das condições de subdesenvolvimento e de necessidade de modernização. No quadro da literatura, a afirmação do caráter nacional de cada um dos países de língua oficial portuguesa inscreve-se por um dominante social: as formas culturais são objeto de apropriação através da série ideológica manifestada nos setores mais dinâmicos das sociedades respectivas.

A identidade está em permanente construção. Forma-se e se transforma frequentemente, influenciada pela diversidade de diálogos e de cultura que estão a nossa volta. Quando Laurentina entrevista seus supostos irmãos ou as esposas de Faustino Manso, tem a expressa sensação de ter vivido também aquelas experiências, de ter percorrido aqueles territórios. Essa identidade é definida historicamente e não biologicamente. De acordo com Hall (2005), a cultura é um dos elementos mais dinâmicos e mais imprevisíveis da mudança histórica do novo milênio. Ainda, que os significados culturais tenham efeitos reais e regulam práticas sociais, o reconhecimento do significado faz parte do senso de nossa própria identidade, por meio do pertencimento. Nessa perspectiva, a identidade emerge do diálogo entre conceitos e definições representados pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo de responder aos apelos feitos por estes significados. As novas e várias identidades são, por vezes, contraditórias. A nova concepção do sujeito se caracteriza pelo provisório, variável e problemático, alguém como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

O grande mistério da narrativa é desvendado quando a protagonista Laurentina, até então filha adotiva de Dario e Doroteia, filha biológica de Faustino Manso e Alima, tia de Bartolomeu; descobre, por meio de um médico em Moçambique, que o músico Faustino Manso, seu suposto pai, era estéril. A mentira de sua vida de adotada é transformada na busca de seu pai biológico. Descobre enfim que as suas verdades eram compostas de muitas mentiras. Faustino Manso era estéril. Resolve então manter-se em silêncio por entender que algumas mentiras valem mais que muitas verdades, quando envolve outras vidas. Sua história real sempre esteve mais próxima dela do que jamais poderia imaginar, porém envolta em outras verdades e/ou mentiras. A história do suposto pai, contada pelas memórias de outros, fica registrada na lembrança, pelas palavras de Seretha du Toit, na forma de cartão postal:

Nos nossos países, nestas partes de África, sempre tão convulsas, a memória não é um bem de primeira necessidade, não se come, não nos podemos com ela proteger do frio e nem tão pouco das doenças ou das calamidades — desprezamo-la. E, todavia, não é possível construir um país sem investir na memória. Eu vejo-a a si como uma construtora de memórias (AGUALUSA, 2007, p. 318).

Dessa forma, pode-se pensar nas representações das mentiras contadas como demonstração de sentimentos e como forma de proteção e preservação do ser amado, gerando verdades que influenciam na construção da identidade, resgate da memória e estabelece a conexão com o multiculturalismo. O ato da criação ficcional está isento de julgamentos, não gera condenações nem arrependimentos por não se considerar um pecado, como afirma a personagem Fatita de Matos, uma das mulheres de Faustino, “Pecado é não amar. Pecado maior é não amar até ao fim do amor. Não me arrependo de nada” (AGUALUSA, 2007, p. 22).

Considerações finais

A trama de *As mulheres do meu pai* foi estruturada a partir da proposta de representação social e histórica, porém, apesar de representar um tempo determinado e espaços dilatados, prima pela universalidade, atemporalidade e verossimilhança de sua temática. Este processo permite entender a interpenetração dos gêneros na construção do fazer literário, sob a ótica da época e dos contextos históricos e culturais. O autor excursiona pela Literatura e História e as entrecruza, mesclando elementos ficcionais e

não ficcionais e privilegiando problemáticas sociais e contextos históricos. Os limiares entre imaginação e realidade tornam-se indiscerníveis de forma intencional, configurando-se em um projeto explícito e deliberado do autor.

As mulheres do meu pai não é somente sobre os personagens que nela aparecem, é uma grande construção que Agualusa faz para dar ao leitor dimensões e noções de como é o continente africano, por meio de histórias insólitas e encantadoras. O autor fornece ao leitor um panorama da vida no continente africano.

O romance, objeto deste estudo, instiga a reflexão sobre paradigmas acerca das questões identitárias, fortemente marcadas na trama e que se fazem presente constantemente na literatura angolana, tendo em vista o processo vivido na época da colonização. Resgata temas atuais que envolvem política, cultura, raça, discriminação, racismo e a situação social da mulher, ao tempo que desvela outras questões alijadas pelo processo de (des)colonização e dominação que deixaram cicatrizes profundas em terras africanas.

As narrativas de Agualusa apresentam uma pluralidade cultural que está diretamente ligada à sua biografia, a partir de suas experiências angariadas nas frequentes viagens que realiza; relata suas percepções do continente africano e outras terras, mas principalmente sobre seu país. Seu discurso literário refere-se a fatos histórico-culturais de Angola e às influências advindas de outros países, onde as questões identitárias e a valorização da memória são elementos fortes, permeando ficção e realidade.

Em *As mulheres do meu pai*, o escritor trabalha com a busca da identidade pessoal, em um contexto pós-colonial que, apesar das muitas dificuldades, de privações e todos os tipos de discriminação, cultiva, ainda, o intercâmbio de valores. Portanto, essa é uma narrativa que discorre sobre as questões socioculturais de Angola, destacando a força dos nativos, sua luta pela sobrevivência, a importância das culturas de seu povo. O romancista escreve sobre seu país e seu povo, fazendo um registro factual, ficcional e verossímil, da dura realidade enfrentada pelos angolanos, preenchendo lacunas deixadas pelos historiadores. As personagens dão constante testemunho sobre questões sociais, históricas, econômicas e culturais de Angola, bem como da diversidade tão valorizada e ao mesmo tempo discriminada pela população. A obra resgata e enriquece aspectos que ultrapassam os estereótipos no principal tema

abordado, que é a realidade, e possibilita compreender a complexidade sociocultural de Angola, ainda tão fortemente marcada pelo processo de dominação.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *As mulheres do meu pai*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: EDUFMG, 2013.

BOSI, Alfredo. *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34, 2013.

BOSI, Alfredo. *Caminhos entre a literatura e a história*. In: Revista Estudos Avançados, vol. 19, N. 35, 2005, p. 315-334. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/23.pdf>. Acesso 25 fev. 2021.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2007.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1995.

GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro, 2005.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. 2. ed. Belo Horizonte. UFMG, 2013.

IMAGINÁVEL MUNDO NOVO: José Eduardo Agualusa conversa com Gregório Duvivier (1h 18min 24seg). Publicado no canal FLIMA on line (Festa Literária Internacional da Mantiqueira 2021). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=riVGrCf4FuM> Acesso em 17 abril 2021.

JOBIM, José Luís. *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira; Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2005.

MATA, Inocência. A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência? In: MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Luanda, Editoria Nzila, 2007.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Roger Chartier: a força das representações: história e ficção*. Chapecó/SC: Arghos, 2011.

“HOW OF TRUTHS DOES A LIE MAKE?” THE (DE)(RE)CONSTRUCTION OF IDENTITY AND MULTICULTURALISM IN *AS MULHERES DO MEU PAI* BY JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

ABSTRACT

The proposal of this text consists in to undertake a critical-analytical study of the approaches of the cultural, social themes and identity inscribed in novel *The women of the my father* (2007). The research is essentially bibliographic and analytical, theoretically supported in the studies of questions concerning to memory, identity and culture, elaborated by Le Goff (2003), Bauman (2005), Candau (2019), Hall (2005 and 2013), Ricoeur (2007), Bhabha (2007), and Jobim (2013). The narrative of Agualusa presents characteristics outstanding that refer directly to geographical, historical and cultural directly to Angolan geographical, historical and cultural factors, which are influenced by aspects from other cultures, from other countries. Questions about social construction and identity are central to his stories promoting the dialogue between cultures and the representations, through their characters, interconnecting mainly Angola interconnecting mainly Angola and Portugal.

Keywords: Angolan literature. Identity. Memory. Multiculturalism.

Recebido em: 10/07/2022

Aprovado em: 05/11/2022